

Sobre a poesia de Valdo Motta

DADOS INFORMATIVOS

Li dois poemas de Valdo Motta publicados na revista *Íma*, de Vitória do Espírito Santo, e fiquei muito impressionada. Como estávamos organizando a coleção “Matéria de Poesia” para a Editora da Unicamp, resolvi entrar em contato com o poeta, que primeiro nos enviou o livro *Waw* (com poemas escritos entre 1982 e 1991), e depois *Bundo* (1995).

Bundo e Outros Poemas abre uma nova série dentro da coleção, destinada à publicação de poetas novos, estreantes ou ainda pouco conhecidos.

Esta entrevista foi preparada para a divulgação do livro, a partir de perguntas formuladas por várias pessoas que se interessaram pela matéria.

A palavra “bundo” significa indivíduo do povo africano bundo, língua de negro, língua errada, maneira errada de falar e ser, coisa ruim, coisa ordinária, ou o marido da bunda, como diz o poeta.

**IUMNA MARIA
SIMON** é professora
de Literatura na
Unicamp e na USP.

ENTREVISTA

Por que se interessou tanto pela poesia de Valdo Motta? Qual a novidade dela?

Olha, eu penso que a poesia de Valdo Motta tem muitos lados de novidade. Primeiro, porque você não vai encontrar neste livro o que está acostumado a encontrar na maioria dos outros. A começar pela riqueza e variedade formais, raras hoje em dia, que revelam uma capacidade poderosa de incluir mundos e experiências as mais particulares, desde a gíria até referências míticas, religiosas e sexuais, ampliando a experiência existencial de um escritor que procurou entender sua homossexualidade por vias inusuais. Tenho que lembrar que a obra anterior de Valdo, apesar de seu interesse, foi um longo exercício preparatório para chegar a esse grau de liberdade e anticonvencionalismo. *Bundo* é uma síntese desse aprendizado e do diálogo com as principais tendências contemporâneas da poesia brasileira, uma síntese que é capaz de se apropriar dos inúmeros procedimentos disponíveis, e mesmo de suas limitações, dando-lhes uma pertinência artística poucas vezes conseguida pela produção poética mais recente.

Você poderia falar sobre a relação entre religião e sexualidade?

Na poesia de *Bundo* o registro escatológico, o calão, a impoção execratória, estão a serviço de uma reflexão maior que usa esses elementos como apoio e contraste, por sua violência e dissonância. As obscenidades contrapostas a simbologias sagradas criam dissonâncias sérias ou jocosas, de alto rendimento poético. O que a meu ver deve ser interpretado não apenas como uma experiência interior e mística, ou um tratado de homossexualismo, mas como uma dramatização poética da experiência física da exclusão social e da discriminação sexual, em que o corpo é testemunho da violência, do sofrimento, do prazer e também é fonte de alguma transcendência. É claro que essa proposta desafia todo tipo de pre-

conceito: de classe, religioso, racial, sexual, mortal e formal (não se esqueça que a teoria literária também legisla e pune a seu bel-prazer). A força da dicção escatológica dessa poesia certamente desconcerta o leitor, menos pelo lado da iconoclastia do sagrado do que por criticar a sociedade contemporânea aproveitando elementos do esoterismo, das exegeses bíblicas, da mitologia clássica, da religiosidade afro-brasileira, etc. Como professora de literatura, não quero deixar de mencionar que a retomada de recursos da lírica clássica aqui só se tornou possível porque brotou de uma experiência de vida que não é convencionalmente literária, o que dá a esses recursos uma pureza e uma imediatez que em qualquer outro poeta intertextual seria mistificação barata.

Em que a poesia de Bundo se distingue da pornografia?

Antes de mais nada, devo dizer que me surpreende essa preocupação que nossa sociedade tem periodicamente com a pornografia, como se sempre fosse preciso escolher entre as coisas proibidas e as permitidas, e como se fosse preciso alguém que tutelasse essa escolha – a religião, a moral, a estética, o Ministério da Justiça, o que for. Além do mais, como bem sabemos, a língua falada está tão carregada de expressões chulas, palavrões e grosserias, mesmo nos setores mais educados da sociedade, ou melhor, sobretudo nesses, que é impossível hoje se fazer poesia ou literatura sem linguagem chula – isto é, poesia de gente alfabetizada. Sendo rigorosamente coloquial, a poesia de Valdo não poderia deixar de incluir a desqualificação da linguagem contemporânea, que é um fato. Seria mais “poético” recalá-lo?

Mas afinal é uma poesia revolucionária, ou não?

Eu prefiro falar em dignidade estética do poema, no seu grau de complexidade e interesse, no seu teor de inconformismo, no seu dom de generalização artística, ao invés de pensar em termos de ser ou não ser

revolucionário, porque penso que hoje isso não quer dizer nada, nem leva a nada. Mas você está certo em ter constatado a inesperada força transgressiva dessa poesia, que responde altiva e agressivamente à cultura evangélica de massa, aos *shoppings* pentecostais da fé, aos esoterismos que proliferam por aí e que constituem a única experiência espiritual que restou para muita gente. Se você tivesse visto Valdo recitando seus poemas — o que é um fenômeno à parte e dos mais impressionantes que até hoje pude presenciar —, você sentiria a força desmistificadora e sarcástica de suas formas poéticas.

Então, o que conta é a invenção poética, a força da linguagem da poesia?

Claro que sim. De fato é um desafio para qualquer leitor de poesia hoje falar sobre a novidade de um autor. Eu, que venho ajudando a fazer uma coleção de poesia na Editora da Unicamp, tenho visto como é difícil encontrar poetas novos que tenham alguma coisa a dizer. Afinal, parece que hoje a poesia já fica satisfeita por se identificar com esta ou aquela tendência, esta ou aquela tradição, assim se conformando com os nichos que a vida literária cristalizou, que não são outra coisa senão os nichos do próprio mercado. Basta parodiar certos autores, “revisitar” certas linguagens, ou simplesmente ser cúmplice da intimidade, para ser poeta. A novidade da poesia de *Bundo* para mim está em responder ao desinteresse profundo da poesia brasileira hoje. Não se pode pensar a questão da forma e da linguagem sem experiência contemporânea; não se pode pensar a expressão da sexualidade, das emoções, dos sentimentos, sem considerar os problemas da composição e da forma. Em suma, comparada à poesia de nossos plantonistas da vanguarda, ao sublime de copa e cozinha, aos lobistas da metáfora e da pureza da língua, a poesia de *Bundo* não faz concessões e não está nem aí com a oficialidade.

Você acha que a poesia de Valdo Motta pode interessar a um público que não é gay?

Se eu não acreditasse nisso, não teria publicado nem recomendaria o livro. Não é preciso que sejamos iguais ao autor, ou que compartilhemos suas crenças, para que possamos apreciar suas qualidades artísticas — se é um bom poeta, é claro. Na minha maneira de sentir, quando se joga com uma experiência poética de modo radical, ela interessa a um grande número de pessoas. É o caso desta poesia. Embora a exposição pessoal seja máxima, não há exibição biográfica nem mero registro da experiência, pois sempre que fala de si o sujeito se despersonaliza e se pluraliza em “alheios eus”, como diz um poema. Se o tratamento do homoerotismo é o centro do universo poético de Valdo Motta, é notável como ele supera a fase auto-afirmativa do homossexualismo, a auto-afirmação da singularidade do prazer *gay*, em que geralmente a realização literária não era o forte, dando agora privilégio à elaboração poética que, por ter complexidade artística, se generaliza. Eu me lembro sempre do que Antonio Candido diz da poesia de Vinicius de Moraes: ela criou um sentimento novo da praia que desfamiliarizou a relação das pessoas com o mar. Entre outras coisas, Valdo reinventou literariamente a importância dos dedos na relação homossexual, e por isso os dedos são sempre associados a espíritos brincalhões, entidades mágicas e divinas quase infantis. Essa é uma contribuição *gay* que a poesia dele foi capaz de valorizar liricamente, criando uma beleza nova.

E como se explica que um poeta tão à margem do sistema literário, da universidade, da cultura oficial, seja tão bom?

O fato de Valdo Motta ser autodidata, viver à margem do sistema literário, e social também, não ter uma profissão regular, não quer dizer que não tenha cultura literária das mais consistentes. Mas até onde eu sei, a criação independe da erudição, bibliografia ou curso superior. Quem ler o “Prefácio” deste livro verá a clareza e a precisão de sua poética, formulada numa prosa nítida e admirável. Assim como seus poemas transitam com extrema liberdade por



um enorme repertório de referências – dos gêneros mais clássicos às composições mais sintéticas, das formas eruditas às populares. O que mostra o grau de sistematização e método da sua marginalidade. Aliás, uma

das idéias mais sórdidas da agenda neoliberal é supor que ninguém pode viver sem se reconhecer no mercado e na mídia, sem neles se integrar. A poesia de Valdo diz o contrário.

ALGUNS POEMAS DE *BUNDO E OUTROS POEMAS*

Extáticos dátilos,
ébrios cabiros,
transidos curetes,
solenes telquinos
em faleno rito,
em ofício sacro
no antro celeste.

Deus Furioso

Estendi mãos generosas
a quantos o permitiram
e disse: sou Deus.
Porém, quem acreditou?
Fui humilhado,
escarnecido: Deus viado?
Fui negado e combatido.
Em meu amor entrevado
cerrei lábios e ouvidos.
Até o amor reprimido
virar ódio desatado.

Rasguem céus e infernos,
ó gemidos e brados
de amor ressentido.
Raios partam quantos
meu amor tenham negado.
Prorrompam tormentas
em corações petrificados.
Quero ser amado
quero ser amado
quero ser amado

De Exaustivas Buscas & Batidas

a Antonio Carlos Pereira

Escanchado no lombo da angústia
– porém, menos cavaleiro do que égua
no cio –, percorro léguas de ruas,
noite a dentro – afora becos e praças

que esquadrinho –, as mesmas surradas
[trilhas
que me conduzem sempre aos mesmos
[bares,
em busca do meu Sacrossanto Cálice,
meu sacrossantíssimo copo, corpo
estonteante, onde me desafogo.

Saudação ao Menino

Que vento te traz ao meu templo,
semente de luz, não importa.
Importa é que a mim vens dar. Entra.
E vive em mim, de mim, até o fim
de nosso carma juntos nesta dança.
Vive em mim, de mim, menino, qual
bromélia no tronco da mangueira.
Deus queira, erê. Eu quero. Ererê!

Ah, Corpo!

Em plena madrugada, o bofe insistindo
num papo alto demais para seres do
[inframundo.
Enquanto ele adejava pelo espaço
(do quarto de pensão, com os mosquitos),
a mim, que me interesse pelo céu
na terra, o desprezo que ele dizia ter
pelas coisas do corpo – magro e subnutrido
mas belíssimo para a minha fissura vesga –
só me desenganava, porém não me
[convencia.

Através de sua quase transparência
(de fomes recolhidas na ascese
um tanto forçada pela pindaíba),
procuro esquadrinhá-lo, entendê-lo.
Sucedem que no auge das viagens,
intempestivamente trovejante,
um barulhinho de fome nas tripas do santo
eleva-se aos píncaros, de onde,
[constrangido,
o bofe despensa e, ploft!, se espatifa no
[concreto,
em sua ordinária e infame realidade
de pele e osso e necessidades.